



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Segunda-feira, 26 d'Outubro de 1908

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. do Arco da Graça, 42, 1.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares

De relance ...

PARENTESCO



4.ª SERIE

Brindes sema-
naes aos nossos
assignantes e an-
nunciantes.

2.500\$000

OU

1.200\$000

N.º

por um vintem!

Condições do Sorteio

Vêr se n'estes
numeros

N.º



está contido o nume-
ro da SORTEIGRAN-
DE da LOTERIA
PORTUGUEZA de
29 de OUTUBRO; se
estiver, o possuidor
d'este jornal tem di-
reito ao DECIMO
1388 para a LOTE-
RIA PORTUGUE-
ZA de 6 de NOVEM-
BR0 de 1908.

..... N'esse caso ainda somos parentes.
— E' verdade Sr.ª D. Luiza! Crelo mesmo que ainda venho a ser seu primo.

AVISO—O decimo n.º 3863 coube ao Ex.º Sr. Raphael Duarte de Mello—R. de Passos Manuel 102, 2.º—LISBOA.

Aluga-se

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 às 11

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 13000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

GATO PRETO

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristico e originaes modelos em
LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

88 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere.»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloicando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancêlhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO





Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
ROA DO ARCO DA GRAÇA 42 T.
LISBOA

Officina d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
26 DE OUTUBRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições de assignatura

(Pagamento adelantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias..... 400 *
A cobrança pelo correio é augmentada
de 50 réis.

Tiragem: 500 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



Seves de ter estranhado, meu leitor, que o periodico cá da rapaziada não tenha gemido qualquer coisa ácerca d'esses theatros, que funcionam na capital de marmore e granito.

Tens razão para estar de beicinho caído perante a nossa attitude silenciosa.

Perdôa, meu amigo.

Se nada temos dito, se não temos chegado a roupa ao pello dos srs. empregarios é por vivermos na doce illusão de que elles teriam emenda e não continuariam a explorar o pacato alfacinha. Estamos arrependidos, é necessario confessal-o.

As nossas esperanças caíram uma a uma, como as badaladas d'um relógio ou os bojudos e falsos promettimentos d'um ministro d'estado!

Quando os cartazes em letra garrafal nos annunciam uma pri-

meira representação, lá corremos pressurosos para o theatro, confiados em que d'essa vez não nos impingem gato por lebre ou manteiga ordinaria por banha de cheiro.

Mas, ó decepção!

Mal nos approximamos da bilheteira acontece noventa e nove vezes em cada cem, esbarrarmos com uma multidão de *madamas*, que ostentando estes descommunes chapéos da moda, irmãos gêmeos da grande roda da feira d'Avenida, nos faz esperar durante uma hora e a uma legoa de distancia. A qual grande roda logo na primeira experiencia deu a alma ao creador, ao passo que os taes molhos de cousas que as senhoras actualmente usam na cabeça pa'ecem eternisar-se para desespero dos maridos e dos infelizes que teem de pagal-os e... supportal-os, ainda por cima.

Depois assistimos a um desabar de *arte postica*, encadernada em peças que são estopadas continuas.

O sedico *O' da Guarda*, o decrepito *Rei dos Bandidos*, com o sr. Luciano que mais uma vez com inaudito descaramento teima em representar sem conhecer uma palavra do seu papel, merecem as mais severas reprimendas.

O *buffette d'Abrantes* salvo a muito custo pela actriz Jesuina Marques, que cheia de graça e boa vontade consegue achar uma crea-

ção dentro da prosa d'aquelles tres actos, dá-nos vontade de perguntar ao arreglador, porque não desenrolou aquella meada logo no primeiro acto, tarefa que se nos antolha facilima e esplendida para elle e para os espectadores.

O D. Amelia reabre as suas portas — perdõem-nos o chavão mas é o consagrado a taes actos — no 1.º de Novembro. Ora como em tal dia celebra a igreja *Todos os Santos*, d'uma vez, é claro que o gordalhudo Visconde de S. Luiz de Braga quer prestar d'esse modo homenagem a toda a corte celestial para que ella o deixe levar a bom fim a sua tarefa.

Resta fallar dos salões animatographicos na sua maior parte Bacetas de Pandora, onde se perde ao mesmo tempo a paciencia e a vista e que nada de util offerecem.

Agora já alguns empregarios vendo que as fitinhas a tremelicar não chamam já a concorrência dos papalvos, agarram-se á innovação do cinema-fallante, e é vel-os despejar para detraz do *ecrain* duzias de actores e actrizes... que nem mesmo detraz do panno satisfazem.

Lisboa 23-10-908.

JOÃO QCHORA.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

ESTUDOS DE OCCULTISMO

SYMBOLISMO

(Conclusão)

Investigando agora o terceiro sentido, o iniciado será levado a examinar a etymologia de esta palavra, e nella poderá ver o mesmo radical da palavra *arco*; e concluirá que o Ser que se vae encarnar, fica encerrado no espaço e no tempo, visto que o arco pode ser considerado como o emblema das medidas abstractas do tempo. Na palavra *arca* tambem se pode ver o mesmo sentido da palavra *arcano*, que significa segredo, mysterio, cousas occultas. E realmente o sentido occulto da allegoria mostra nos que é pelo conhecimento dos arcanos que seremos salvos das reencarnações. Finalmente poderá entender-se na mesma palavra o radical do verbo grego *archein* (eu governo, eu dirijo). N'este sentido a *arca* representa o *corpo causal*, que envolve a alma que se vae unir com a materia. Nelle existe o principio emanado de Deus, que dirige as reencarnações e apressa a evolução das almas e que, libertando-nos das *aguas*, nos salva tambem da união com a materia.

Nesta interpretação, a divisão da *arca* em tres compartimentos é o emblema da alma humana, uma na sua essencia e triplice nas suas manifestações, formada á imagem e semelhança da trindade creadora—*Kether, Chokmah, Binah*, segundo os Cabalistas, *Atma, Budhi e Manas* para os budhistas.

A'quelles dos nossos leitores que desconhecem o que significa a expressão—*corpo causal*, diremos que a alma apresenta diversos corpos, formados da substancia cosmica dos diversos mundos; e é essa a circumstancia que torna possivel a sua habitação nesses mundos.

Habita sobre a terra, emquanto possue um corpo physico. Pelo desaparecimento de este, persiste o corpo astral, o que torna possivel a sua permanencia no mundo do mesmo nome; o desaparecimento de este deixa a alma habitar no mundo mental inferior, graças ao corpo mental. O corpo causal é formado da substancia cosmica mais subtil do mundo mental e persiste atravez de todas as reencarnações, emquanto os outros corpos—physico, astral e mental—são substi-

tuidos a cada descida da alma á materia.

A mesma ethymologia que admitimos para a *arca* de Noé, indicando a idea de guia e direcção, vamos encontrá-la na *arca* que seguia na frente dos Israelitas, quando atravessavam o deserto, a caminho da terra da Promissão. Mas aqui a direcção reside na lei do Decalogo, expressa nas taboas nella encerradas.

O mesmo symbolismo, indicado na expressão—*salvação das aguas*, parece ter sido admittido pela religião christã com a pratica do baptismo, iniciada por S. João. Parece ser uma promessa de iniciação nos mysterios do *occultismo*, para quebrar a cadeia das reencarnações.

Em resumo, a lenda de Noé pode admittir tres sentidos:

- 1.º — O sentido positivo.
- 2.º — O sentido comparativo, pelo qual se exprime a lei da evolução intra-uterina do Ser que se encarna, a qual pode ser enunciada do seguinte modo: a *outogenia reprodus analogicamente a phylogenia*.
- 3.º — O sentido superlativo, no qual se descobre a causa das encarnações do Ser e a sua evolução atravez das especies animaes, sempre impellido por uma força de emanação divina, que o porá a salvo das encarnações.

Alongariamos extraordinariamente este artigo, se quizessemos fazer citações de outras allegorias igualmente interessantes, e corriamos risco de não sermos comprehendidos da maioria dos leitores, por empregarmos expressões que elles desconhecem. Não nos dirigimos aos que *sabem*, para os outros é que escrevemos. Se pudessemos n'esta altura do nosro trabalho referirmos a outras historias symbolicas, relacionando se com phenomenos que por ora o leitor desconhece, veriamos resurgir perante os nossos olhos deslumbrados os contos de princezas encantadas, de genios e de fadas, com que foram embalados os primeiros annos da nossa infancia... Por ora ainda é cedo. Vamos avançando num terreno muito escorregadio; forçoso nos é caminhar com prudencia, para chegar ao fim sem caír.

ARTHUR BENONI.

ESPIRITISMO

MATERIALISAÇÕES

Com a medium Eusapia Paladini

Este caso occorreu n'uma sessão realisada na noite de 27 de maio de 1901 nas salas do Circulo Minerva, em presença do saudoso publicista Luigi Arnaldo Vassallo, d'um illustre professor de astronomia, de M. e M.^{me} Ramorino, de M. Erba e de mim.

No principio da experiencia, a fiscalisação foi confiada a M. Vassallo

que fica á esquerda do medium e a M.^{me} Ramorino collocada á direita do mesmo.

Os phenomenos começam e continuam variados e interessantes. Pouco tempo antes de produzir-se o episodio de que nos occupamos (n'um momento já avançado da sessão) modificou-se a disposição da cadeia, em virtude d'um pedido typtologico da meza, indo eu substituir na fiscalisação M. Vassallo, em quanto que M.^{me} Ramorino continua a ficar á direita do medium.

Uma lampada electrica branca illumina a sala.

Posto isto, eis o que se lê nas actas da sessão:

«... N'este momento temos novas aparições repetidas da mão de creança por cima da cabeça de Eusapia, mão de que fallamos n'outro lugar. E' uma pequena mão, evidentemente direita, d'uma côr rosea de carne, pequenos dedos sobre longos, delgados, que poderia pertencer a uma creança de sete annos.

E' impossivel fixar o numero de aparições d'esta pequena mão, tão frequentes ellas são. Umaz vezes mostra-se pela superficie palmar, outras vezes pela superficie dorsal. Ora apparece com as pontas dos dedos voltadas para cima, ora para baixo, e frequentemente agita-se como que cumprimentando-nos.

Algumas vezes fica visivel por um tempo muito breve, outras vezes ao contrario por um espaço de tempo até 10 segundos.

O doutor Venzano e M. Vassallo, sentado á sua direita, levantam-se sem um abandonar a cadeia e outro a fiscalisação e inclinam-se para as cortinas, de maneira que podem observá-la a poucos centimetros de distancia. O doutor Venzano exprime o desejo de ser tocado, e quasi logo a pequena mão avança com os dedos e repetidas vezes lhe roça as faces, de modo que o doutor lhe sente a impressão tépida.

Em certa occasião, essa pequena mão chega a tocar-lhe o nariz e com dois dedos o pucha delicadamente, e depois toma-lhe o lobulo da orelha direita, comprimindo-o com uma certa força.

O medium está acordado, a pequena mão retira-se e depois d'alguns segundos torna a apparecer com uma outra pequena mão, que certamente era a esquerda. Ao apparecerem, as duas mãos afastam as cortinas, depois desaparecem e reaparecem repetidas vezes.

Segue-se a suspensão de phenomenos cerca d'um minuto, durante o qual Vassallo e Venzano tornam a sentar-se.

Subito, em quanto o medium continua a estar acordado e a ter as mãos, visiveis para todos, pousadas sobre a meza e rigorosamente fiscalisadas pelos visinhos da direita e da esquerda, a cortina avança, e uma mão de vo-

lume e dimensões muito superiores ás de Eusapia, ao mesmo nivel que as mãositas hã pouco descriptas, sãe pelo intersticio das duas cortinas, toma a cabeça do medium e inclina-se para traz com violencia.

(Continúa).



A partida de bilhar

POR

Gervasio Lobato

(Conclusão)

Os bilhares estavam desertos e a bola encarnada em cima da marca brilhando á luz do gaz parecia tinta de sangue.

Dê-nos os tacos, coronel. Dois tacos do mesmo tamanho e d'igual qualidade.

— Até os meço como num duello, respondeu o coronel, rindo e medindo os tacos.

— Tire á sorte quem hade jogar primeiro.

Emquanto o coronel divertidissimo com a facecia ideava a maneira de tirar á sorte quem devia encetar a partida, o general, affastando-se um pouco com Esteves, disse-lhe rapidamente, em voz baixa:

— A sua vida pertence-me. Não o mato, porque o senhor não vale um crime. A disciplina prohibe-nos o duello. Só temos livre o suicidio. Quem perder esta partida não ha de ver o sol de amanhã. Comprehen-de-me?

— Mas, observou o alferes, pallido, tremulo sem saber de si.

— Tem medo? perguntou com um sorriso cruel o general.

Esteves pegou no taco polido e elegante que lhe estendia o coronel.

— Vamos, vamos, cruces ou cunhos? Ah! ah! ah! interrogou este rindo e atirando ao ar uma moeda de cinco tostões.

— Cruces, disse o general, serenamente.

— Cunhos, murmurou quasi sem se ouvir, o alferes.

— Cruces, repetiu o coronel, mostrando o dinheiro. E's tu que principias, general. Cuidado é um duello de morte: ah! ah! ah!

Os dois começaram a jogar. Ao principio foi um jogo vulgar, trivial, mediocre que nem parecia delles. As bolas encontravam-se por acaso e só de vez em quando carambolavam. O amor proprio dos jogadôres começou de irritar-se. Em redor do bilhar, foi se juntando gente.

O coronel maneta animava os dois contendores com gargalhadas jubilo-sas.

Os espectadores começavam de fazer as suas observações.

Os dois principiavam de fazer mais jogo, mas um jogo contrafeito, exquisito, quasi involuntario.

— São dois jogadôres de mão cheia, disse um espectador.

— E são parceiros... sempre, accentuou maliciosamente uma voz que o general conhecia muito bem; a voz que ouvira ao pé da janella.

Como se a mão mysteriosa do Deus do bilhar tivesse impellido o taco do general, o velho militar começou de fazer um jogo terrivel, monstruoso, extraordinario.

As bolas juntavam-se todas no meio do bilhar e como languidas hespanholas, movendo-se mollemente nas ondulações suaves das sensuaes habaneras giravam cerca dum minuto, carambolando sempre, não se afastando nunca. O jogo do general subiu rapidamente a 50 carambolas.

O alferes estava mais branco que as bolas de marfim. Quando finalmente lhe chegou a sua vez, aquellas bolas, redondas como phrases de rhetorica, correram pelo bilhar como cabeças decepadas. Tinham ondulações phantasticas, saltavam como sapos dum extremo ao outro, tocando-se furiosas e, correndo como estrellas cadentes. Num instante o alferes alcançou o general. O jogo começou de repente a declinar. As bolas afastavam-se sistematicamente uma das outras e corriam todas as tabellas sem se encontrarem. Dir-se-hia, que jogavam a quem perde ganha. Parecia que havia um receio tremendo dos jogadores em carambolarem.

Foi uma partida prodigiosa, uma partida, mil vezes mais difficil do que todas as partidas conhecidas.

As bolas levavam as suas direcções devidas, mas a conta sufficiente para se desviarem como que por acaso quando se approximavam. Foi uma coisa fabulosa.

Dos rostos lividos dos jogadores corriam grossas bagas de suor, enquanto os espectadores estavam todos anhelantes, estupefactos.

Durante uma longa meia hora, fez cada um, nove carambolas.

Faltava a ambos uma para ganhar. Então é que a lucta foi encarniçada. Nenhum queria fazer essa carambola fatal e as bolas andavam como loucas pelo panno verde.

De repente houve um silencio gé-lido no auditorio. O alferes querendo dar fino com a bola branca na preta para cortar o bilhar, deu quasi em cheio e a bola, arrastando-se, como uma serpente numa curva extravagante foi bater na bola encarnada com um som duro e secco, como a da terra, quando cae sobre um cadaver.

O alferes atirou para cima da mesa o taco com o gesto lugubre de quem atira para a valla um cadaver.

.....
Dalli a pouco o general sahiu do baile pelo braço de sua mulher, le-

vando a seu lado o seu eterno parceiro, o alferes.

Ao chegarem a casa, o alferes, antes do general se fechar no seu quarto, approximou-se delle, profundamente commovido.

— Pelo amor de Deus, general... não se...

— O senhor vem pedir-me uma infamia? No meu caso faltaria á promessa feital... respondeu lhe seccamente o general, puchando os seus grandes bigodes brancos.

O alferes affastou-se silencioso e profundamente commovido.

No dia immediato, ninguem viu o general: as janellas do seu quarto não se abriram. O alferes andou todo o dia por pé da casa como um cão a quem o dono enxota.

No outro dia ao anoitecer, jogaram a sua habitual partida nos bilhares do Club, o general e o alferes.

O general comprira religiosamente a sua promessa:—Não vira o sol no dia antecedente.

FIM

A mocidade

(A Bento Mantua)

A Mocidade é flôr que se balança
Ao soprar, da Illusão, a tenue brisa;
E' o batel da Ventura que deslisa
No mar da vida em horas de bonança.

Quadra doirada de doirada esp'rança;
Riso innocente que a existencia frisa;
Altar do Amôr; crença da Vida; lisa
E florea estrada que o Porvir alcança! ..

A Mocidade é o virginal sacrario
Da Alegria e do Sonho doce e vario.
Que são, desta existencia, a rosea escolta.

Nasce a sorrir e desfallece austera;
E' um momento de goso, é uma chimera,
—Fulge na vida... e passa... e não mais volta!

EDGARD AYRES.

O que eu diria!

Se eu já te julgo e chamo um anjo ou fada
Só por te ver a cútis setinosa
Os olhos de velludo, a mão delgada,
Os dentes de marfim, os labios rosa;

Se penso-eu sei, mulher!—em dar-te a vida
Só por te ver sorrir—mas que sorriso!...—
Se és todo o meu encanto, flôr querida,
Se és tu, mulher, só tu, meu Paraizo;

Se de enxergar-te ao longe, e com prudencia

Por suggestão só tua, e por magia,
Me custa o reprimir tanta eloquencia,

Oh! sonho ambicionado! oh! poesia!
Se junto a mim te visse, em confidencia
O que eu diria, filha, o que eu diria!...

Do livro «Risos e Prantos» (na prélo)

José CORDOVI.

Carta a uma brasileira rica

Achas então muito feios
Os versos que te mandei?!
—Pois olha minha *pombinha*
—Para fazel-os andei.

—Quatro dias a scismar
—Aos encontrões ao bestunto;
E só de papel e pennas
Gastei trez libras por junto.

E vens tu sem hesitar,
O gentilissima *prenda!*
Dizer com quarto palavras:
—Não gosto dessa fazenda!!

E's cruel, és deshumana,
Não mostras ter dó de mim!
Embora tu não gostasses
Devias dizer que sim.

Eu que cheguei a cançar
Dos meus olhos as meninas,
A buscar nos dicionarios
As palavrinhas mais finas!

Eu que puz n'essas quadras
Amor e arte de sobra...
P'ra tu com uma pennada
Desfazer's tão linda obra!...

Dizes tu muito zangada
Que te chamei *Dulcinea*,
Que comparei tua voz
Ao canto d'uma sereia!...

Francamente tens razão
Reconheço a *calçada!*
—Eu devêra compara-la
—Com uma cana rachada

Com respeito á tua pelle
Tambem houve grande troca;
Onde escrevi cor de jaspe
Deves tu ler—cor de fôca...

Esses dentinhos *de neve*
Que cantei com mil engenhos!
—Alem de serem furados
—Não são brancos... são castanhos!

A teus pés chamei pésinhos?!
—Oh ceos que nome tão feio!—
Pois elles se não m'engano
—Medem mais de... palmo e meio...

Esse cabelo sedoso
Que te torna tão liró
D'um louro tão atrahente...
Não é teu... é do xinó!...

E segundo alguém me disse
—Vejam lá que forte enguiço!—
Para ser's inda mais *bélla*
Té tens um olho postiço!

Se jurei amor eterno
Podes crer minha *carcassa*
Que não foi pelos teus olhos!...
—Foi sómente á tua *massa*...

Que, francamente, o teu corpo
De forinas tão deseguaes,
Só pode ter serventia
Para afugentar pardaes...

P. S.

Dizes tu que escreves bem?
Ora a tola! talvez queiras!...
—Só até á nona linha
—Encontrei quarenta asneiras...

ZÉ PEREIRA.

N'um postal

O crente

Divagando

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José D. P. de Carvalho

Um dia um anjo de faces alabas-
trinas e olhar acariciante, á terra des-
ceu por uma verê-la feita de raios de
luar...

Ao tocar na terra,—n'este vesuvio
em erupção constante de mentiras e
enganos,—olhou, saudosamente, para
a abobada celeste; e, ao vê-la crave-
jada de tão perfulgentes estrellas, sol-
ta esta phrase repassada de ingenui-
dade santa:

— «Que *soes* serão aquelles que do
céo irradiam fulgurações tão suavi-
santes?!

É um *crente* que passava responde:
— «As *almas dos bous... dos jus-
tos...*

Porto, 1908.

PEDRO MARIA DA FONSECA.

(Othão)

(Dos «Sombrios»)

AOS SABIOS DA NATURA

Fatalista não sou nem devo crer
N'um destino cruel, intransigente
Que tenho de seguir, mesmo sem querer,
Sem appello á razão, indifferente!

Eu sei o bem do mal reconhecer;
Se vou caminho errado, de repente
Devo logo parar, retroceder
E seguir novo rumo consciente...

Eu não temo da sorte as arrelías
Pois tenho uma ideia que me occorre,
O que não m'acontece ha muitos dias;

— E' pedir já a Vossas Senhorias
Que me digam aonde se não morre,
Que prometto lá ir findar meus dias.

Outubro, 2 de 1908.

Commendador J. DE PAIVA SOARES DINIZ.

A SUSPEITA

(Conto original)

Que formôso éra aquêlc casal de na-
morados que todas as tardes surgia
pelo atalho em direção á pequêna
orta que se avistava no alto da en-
costa!

— E'la, alta, clára, olhos melancolicos,
bôca sensual, elegante, e êle um ra-
pás perfeitamente robusto, tipo de cam-
ponês!

os encantadores namorados em dire-
ção á pequêna ortalha da encosta!

Casaram ha um anno e, como a se-
lar lhes o pacto de amôr, uma robusta
criança, nasceu, para ainda os unir
mais, para se amarem como nunca!

E o pai sempre triste trabalha lá
em baixo na planície, mas... triste?
Porquê essa tristeza?

E' que os olhos da criança infun-
dem-lhe suspeitas! O pai tem olhos
castanhos, a mãe olhos azues e a
criança... (mistério) tem olhos prê-
tos!

Mas se fôsse verdade? Oh! que
atroz suspeita dilacera o coração do
nosso antigo rapás robusto, tipo de
camponês.

Uma tarde o pai obcecado p'la
suspeita apodera-se da criança e vai
para longe, muito longe de casa obser-
vára!

Sim! E' verdade! Não se enganou!
Aquêles olhos! Aquêlc nariz! Ah! E
rapidamente arremessa a criança para
o chão, onde esmagou a linda cabe-
cita... o enlévo da mãe!

Uma nuvem de tristeza envolve a
pequêna ortalha da encosta! Tudo des-
cuidado, cheio de pó... dir-se-ia que
ali já não moram os antigos namora-
dos firmos que surgiam do atalho
lá em baixo!

E não! O pai, suicidou se em se-
guida á morte da criança!

E de noite, alta noite, ouve-se uma
vós clamando: O meu filho? Onde
está? E' a pobre louca, a antiga ra-
pariga alta, clára, olhos melancolicos
aquela que com um robusto rapás,
tipo de camponês surgia no atalho que
conduz á ortalha!

Setembro de 1908.

LUIS MACHADO «ZIUL»

LOUCA

Unindo o labio em busca a algum consôlo,
Aos labios da creança fria... fria!
Inda mais que o lagêdo onde dormia,
A mendiga beijava-a filha ao collo.

Passa alguém na corrente traz o Apóllo,
Sobre um collête azul—um ceu e um dia—
Mas em vão recorreu á burguezia,
Que lhe volveu em tom ferino e tôlo.

Então a pobre mãe, louca varrida!
Levando a mão ao rôsto, contorcida,
Contra o lagêdo a filha arremessava,

Pondo-se a rir, a rir, á gargalhada!...
—Emquanto o alvar burguez com 'spanto
a olhava,
E a alcunhava de mãe desnaturada!

Agosto de 1908

A. DE SANTA RITA.

Já pelo atalho se não veem surgir

PHANTASIAS

Amar é soffrer

A' Ex.^{ma} Redacção do semanario
«Azulejos»

Joanna era uma das mais formosas camponezas do lugar. Costumada á vida do campo, sentia-se feliz n'aquelle meio, e não obstante pensar ami-

nhecer aos filhos para quem são dirijidos, misse-lhe cinjindo a meigamente pela cintura:

«Olha minha filha, . . . *Amar é soffrer*. . . »

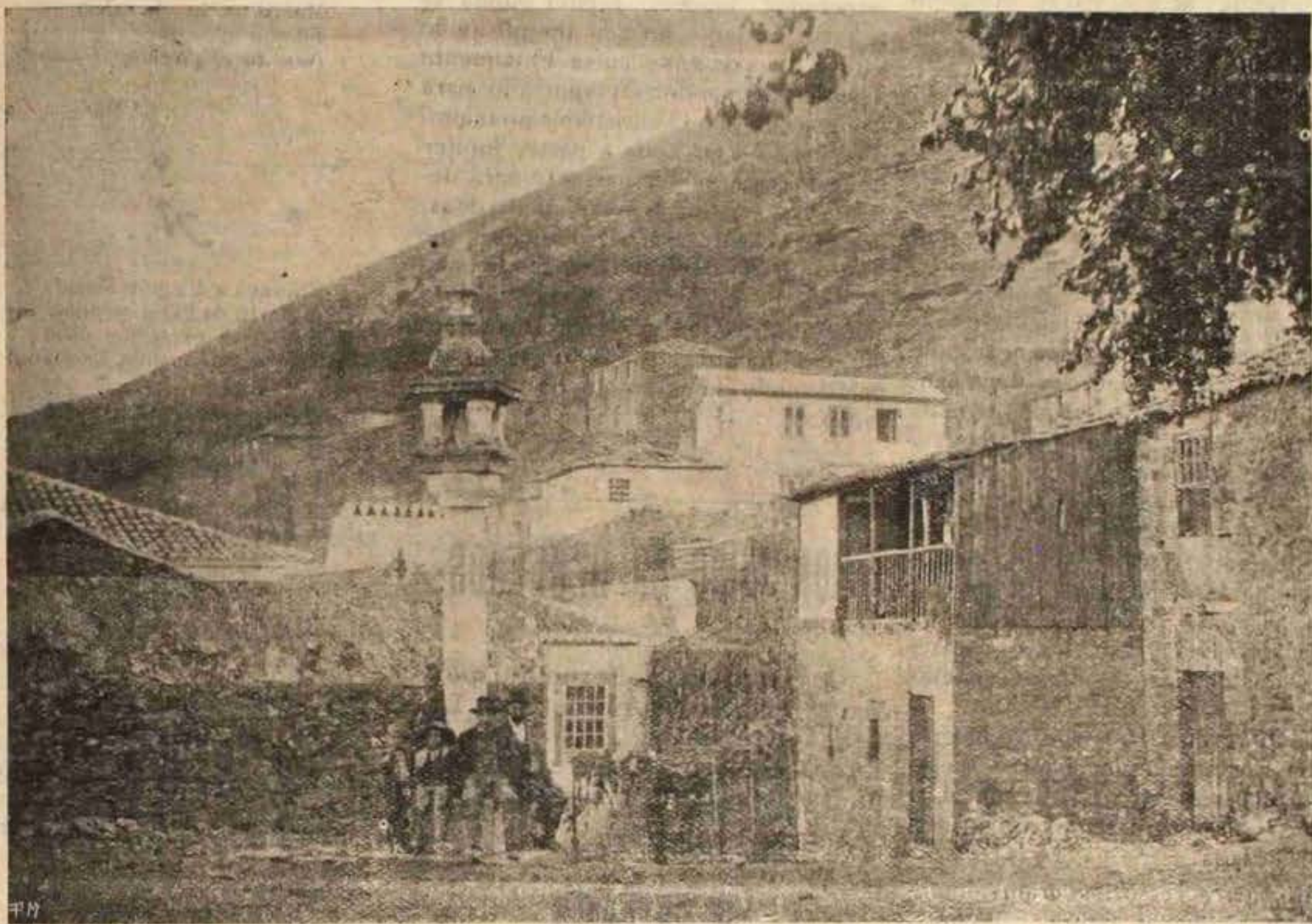
E Joanna triste e pensativa ficou se por largos tempos a fixar seus olhares n'um ponto determinado, como que meditando na resposta dada por seu bondoso pae, resposta que ella esperava fosse mais favoravel. . .

«*Amar é soffrer*. . . pensava ella, não, não é possível. . . E quasi que

necessario desobedecer a seus paes, que a adoravam, ella temia que elles ao terem conhecimento da sua fuga succubissem a tão grande desgosto, e que por isso tivesse mais tarde de se vêr minada pelo remorso eterno pelo soffrimento que fôra propocionar áquelles bons velhinhos. . .

No entanto, decidiu-se por fim a partir, e n'uma bella manhã de verão, em que os passaros gorgeavam alegremente, annunciando o alvorecer do dia, e o sol com os seus raios bri-

Portugal pittoresco



CONCELHO DE SABROSA.—Pelourinho de Gouvães

dadas vezes que as raparigas da cidade eram mais felizes do que ella, porque tinham para gosar, clubs, luxos e finas essencias, a bella Joanna lá ia vivendo entregue aos seus trabalhos quotidiannos de pastagem de gado, e outros, desconhecendo, mas ambicionando, o que fosse o *Amor* e os prazeres infindos que se conquistam amando e sendo amado. . .

Um dia em que seus paes se encontravam reunidos Joanna teve um pensamento. . . Pedir-lhes para que lhe explicassem o que era amar. . . E assim o fez, com a ingenuidade propria da sua juvenil idade. Seu pae ouviu-a com attenção e depois olhando-a ternamente com aquelles olhares paternaes que só é dado co-

duidando, lá foi tristemente, e com um modo que lhe não era usual, dár de pastar ás ovelhinhas, cujo sustento estava a seu cargo, e mirando as com os seus negros olhos, cheios de candura, a formosa camponeza pensava sempre na respôsta que obtivera de seu pae. . .

Decorreram péto de 2 annos. . . Joanna que antigamente era tão dedicada e fiel a seus paes, via-se, porem, agora na necessidade de lhes desobedecer. . . Ao contrario do que antigamente lhe succedia, já se não sentia satisfeita com a sua humilde vida de camponeza. As ovelhinhas, os campos atapetados de espessa relva que davam um aspecto encantadôr á quinta, tudo, en fim, agora lhe aborrecia, e a sua unica ambição resumia-se n'isto: Vir viver para *Lisboa*. Porem, como para o conseguir lhe era

lhantes illuminava os formosos campos da aldeia, a Joanninha ausentou-se de casa, levando consigo a saudade eterna de seus paes que desamparara e de tudo que a tinha visto nascer, mas fugindo com a esperanza de ir ser muito rica e feliz em *Lisboa*, a cidade que ella julgava fosse um manancial de felicidades, e onde não seria difficil encontrar quem a amasse sinceramente. . . E animada por esses pensamentos de «*phantasticas felicidades*», ia seguindo seu caminho em direitura a *Lisboa*, emquanto que seus paes choravam áquella hora a fuga de sua querida Joanna, que elles tinham creado com tanto zelo e dedicacão. . .

(Continua)

J. FONTANA DA SILVEIRA.

As sete maravilhas do mundo

O Jupiter d'Olympia

(Continuação)

Finalmente a maravilha de todas estas maravilhas, enthronisava-se no templo. Foi alli que Phidias ergeu o colosso de Jupiter, o genio do artista arrebatou-se, excedeu-se a si mesmo nesta creação sublime.

Os athenienses, muito afamados pelo seu espirito, o que não os impedia de cometerem grandes loucuras, promoveram contra Phidias, já idoso, uma accusação de roubo e de sacrilegio.

O grande artista viu-se obrigado a deixar aquella Athenas que elle tanto tinha embellesado e que insensatamente lhe era tão ingrata. Retirou-se para Elida, cujos habitantes o receberam com desvelo, affectuosamente, procurando não deixar inactivo um cinzel que dava a vida ao marmore, prodigalisaram ouro e marfim ao desterrado. Phidias reconhecido, projectou esculpturar um Jupiter mais admiravel ainda, do que as estatuas de Pallas que cinzelára para a necropole de athenas. Representou o deus sentado em um throno; o tronco, de marfim estava nú. Os antigos trabalhavam primorosamente em marfim; sabiam torna-lo como que flexivel, encurva-lo, modela-lo e uni-lo de tal forma que o olhar mais perspicaz não lhe enxergava as juntas. Uma corôa de oliveira cingia a fronte da estatua. Tinha as pernas envolvidas em tapeçarias de ouro, constelladas de flores esmaltadas.

A mão esquerda, magestosamente erguida, sustentava um sceptro, tendo uma aguia na extremidade superior. Na mão direita, descida, tinha uma Victoria alada.

Todos os accessorios eram animadas com pequenas figuras e lavôres.

A haste do sceptro deslumbrava com o brilho de pedras preciosas; na extremidade superior do espaldar do throno as Horas e as Graças ritmavam as suas voltas harmoniosas; nas travessas, Hercules combatia as Amazonas; Apollo e Dianna trespassavam com as suas frechas os filhos de Niobe; nos braços, varias sphinges arrebatavam jovens thebanos.

O tamborête onde descansavam os pés do deus assentava em quatro leões acocorados. No soco, Neptuno e Amphitrite passejavam o seu cortejo de nymphas e de tritões em quanto que Phebo se lançava no espaço.

E todas estas fabulas amorosas, todas estas lendas pagãs, aquelle Olympo em miniatura, tudo parecia anniquilado, apagado pela gloria do deus supremo; a sua formidavel estrutura esmagava; o seu semblante sereno dominava todas aquellas immortalidades insignificantes.

Phidias, quando concluiu a sua obra,

olhou de frente para o deus que construiu e, convencido de que o seu genio tinha direito a tão audaciosa interpeção, disse:

— «Jupiter, estás contente?»

Lucilou um raio immediatamente e, cahindo ao pé do colosso, fendeu o marmore do pavimento. Jupiter tinha respondido.

Os antigos, que nem sempre primavam pela exactidão, variam nas dimensões que dão da estatua de Jupiter Olympico; querem uns que tivesse trinta e seis covados, affirmam outros que media 60 pés; Strabão assevera que a estatua estava de pé e a cabeça entrava pelo tecto do templo, tão consideravel era a sua altura.

Affirma Libanio, que no templo do imperador Juliano, Jupiter ainda se achava sentado no seu templo onde esteve mais de seis seculos. Finalmente Theodosio mandou transporta-lo para Constantinopla. O christianismo triumphava então em toda a parte; Jupiter já não tinha poder bastante para defender a sua imagem. Aquelle deus, creação esculptural de Phidias, que fôra adorado durante tanto tempo, não devia sobreviver muito á vergonha do seu exilio; foi destruido em um incendio, conjunctamente com o palacio imperial onde devia servir de ornamentação.

FIM

CONCURSO DO AZULEJOS

A almofada oferecida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonia da Paz Lopes pertence á Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Bastos Ferreira Neves e não á Ex.^{ma} Sr.^a D. Elisa Pisani.

FADO

A Romanol

Motte

*Nos modos do verbo amar
Ha tempos que não sei ler,
Nem tu m'os quer's ensinar,
Nem eu os quero aprender.*

(Da "Guitarra de Romanol,")

Glosas

*Ai, que saudade se evôla
Do tempo em que se é petiz!
Edade alegre e feliz
Em que eu andava na escola;
Levando ao hombro a sacôla
Pelo caminho a brincar,
Sem ter nada em que pensar...
E, como nunca estudava,
O mestre me atrapalhava
Nos modos do verbo amar!*

Mas o tempo foi passando
E as illusões vi perdidas,
Quaes andorinhas feridas
Outros climas procurando
Foram fugindo, voando...

*E tive o doce prazer
Minha amada de te ver
Como os anjos pura e linda!
Mas no verbo amar, ainda,
Ha tempos que não sei ler!...*

*Não sei como possa ser
Isto assim, meu coração?!
Vivendo eu d'esta paixão,
Vivendo só de te vêr!...
Passo os dias a dizer
Que te amo e que te hei-de amar...
Amo... e não sei conjugar
Varios tem os de seguida?
Não sei... não sei, minha qu'rida,
Nem tu m'os quer's ensinar.*

*Adoravel criatura,
Tu fazes bem afinal;
Amor dizem que é um mal
Que nos conduz á loucura!
Tu sabes, minha ventura,
Sabes que amar é soffrer!
Quanto menos eu souber
Menos me hei-de ralar.
Tu não m'os quer's ensinar?
Nem eu os quero aprender.*

MANOEL CHAGAS.

N...

*Chorava a Virgem Maria,
A morte do Filho amado,
E aos que passavam dizia
Rosto em lagrimas banhado:*

*O' vos todos que passaes,
N'esta via dolorosa,
Na minha dôr attentae,
E vede bem, considerae,
Se ha dôr p'ra ser comparada
A dôr que n.e faz lacinada!*

*Assim a Virgem Maria
Em sua triste soledade.
Como tu na orfandade,
Bem funda magua carpia!*

*Em ambos aguda espada
Lhes varou o coração,
Perde um Pae filho adorado,
Ella, o Heroe da Redempção!*

ANGELO PITOU.

CURIOSIDADES

Diabrura telegraphica.—O facto que apresentámos aos leitores deu-se ha annos numa estação telegraphica do Brazil.

M. John manda transmittir um telegramma a seu irmão, este recebe o seguinte:—
O gato morreu.

Não comprehendendo o despacho, o destinatario pede a repetição e a phrase é confirmada.

Attonito e assustado, parte immediatamente em procura do irmão que encontrou no momento em que este se dispunha a embarcar.

—Quem foi que morreu? Ha com certeza uma troca de palavras no teu telegramma!

Então M. John, com a flegma propria dos individuos da sua raça, mette a mão ao bolso e mostra, a copia do despacho, escripto em inglês, que o expedidor se deu ao luxo de traduzir.

I go to-morrow (sigo amanhã)

GRAYURAS

Alugam-se nesta redacção a preço modico.

PERGUNTA

(Ao inspirado poeta Manuel Chagaa)

Poeta, que mais te encanta:
Uma alma pura, de santa
Num corpo sem formosura:
Ou um semblante divino,
Gentil rosto purpurino
Cobrindo uma alma perjura?

EDGARD AYRES.

dôr myrmurio da lisonja. A' primeira vista parece tímida.

A sua saúde pede que tome banho geral morno todos os dias.

E' caridosa: Deus a abençoe!

Em amor... não sei bem como hei-de dizêr isto... hade sentir apênas o suficiente para que *êle* julgue que é amado. De resto, pagar-lhe-hão na mêssa moeda, essas alfinetadas porém, morrem á superficie da péle, mercê da coiraça da inconstancia, alicerce do seu character, fundamento do seu espirito, esquelêto da sua alma. E' um bem? E' um mal?

Sofre-se mênos com as desilusões!

A quelque chose malheur est bon!

G. C.

Consulente:—*Accacio de M.* (Agosto de 1908)

Força, graça, sinceridade, filantropia e generosidade! Ah seu marotinho, isto é papa muito fina e, estou certo que, esta pagina do Destino me vae rendêr, a mim seu leitôr, uma duzia de garrafas do bêlo moscatel da sua terra.

O Snr. é capaz disso e de muito mais e eu, apesar de feiticeiro, não desdenho um bom calice do velho, á sobremêsa.

Será roubado mas vingar-se ha dos ladrões. A sua alma será ornada duns tantos galões d'orgulho, mas o arrebique vae lhe a matar. Pudibundo e casto em materia d'amor, detestará a linguagem desbargada e os ditos soêzes.

Ambiciôso e prometendo facilmente, mas mudando rapidamente de projetos e de vontade. Gostará d'enriquecer o seu espirito pela sciencia e de arrecadar libras ao canto da arca. A vida eclesiastica hade tental o e, se a não seguir, custar-lhe-ha muito a arranjar um bom emprêgo. Um de seus parentes far-lhe-ha uma grande parti da e com isso o Snr. dará um cavacão.

Será prêso entre os vinte e cinco e vinte e sete annos.—A sua intelligencia é forte, unida. Terá instrucção solida. Preocupar-se ha com invenções, mistérios sagrados, espiritismo e ocultismo.

Vida longa, feliz e respeitada.

Se depois de tudo isto me não manda o moscatel... mudo lhe a sina e prégo com o Snr. no inferno.

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

GRAVURAS

Alugam-se n'esta redacção, a preços modicos.

Pensamentos

Em amor a bondade cria ingratos, a dôcura—tyrannos, e a bôa fé perfidos.

MADAME AICCOBINI.

As pessoas mais amáveis são as que menos ferem o amor proprio dos outros.

LA BRUYÈRE

Luctar pela felicidade humana eis a verdadeira interpretação da vida.

MAC-ILLERNO.

A miseria da mulher é dos maiores obstaculos á emancipação dos trabalhadores.

LEONIE RO MADE.

A mentira é filha primogenita do ocio NEMO.

VARIEDADES

Modo de evitar que os vidros de candieiro se quebrem—Para facilmente remediar este inconveniente, basta collocar os vidros numa bacia cheia d'agua fria, juntar um pouco de sal, levar a agua á ebulição e deixar em seguida resfriar lentamente.

Desde então os vidros não se quebram, sobre tudo se se tiver o cuidado de não deixar resfriar a agua se não muito lentamente.

Pode ainda cortar-se o vidro com um diamante na parte convexa; não se quebrará tão depressa, porque este côrte facilita a dilatação produzida pelo calôr.

Cumulos

O Lima, official de lima, ir para o Limoeiro deitar limos numa limonada.

Da profanação:—Uma mundana alumiar-se com cêra virgem.

Do recurso:—Dar corda a um relógio de sol com a chave dum enigma.

Do urdidor:—Comprar fiado e tecer elogios.

Semana Alegre

Um camponio analphabeto pede para lhe lerem uma carta de um compadre.

= Compadre e amigo.

= Bom.

= Remetto...

= Melhor ..

= Uma borracha...

= Optimo.

= Para que m'a mande cheia de vinho.

= Raios o partam.

Uma senhora pergunta ja um astrônomo se a lua é habitada.

= Conforme, minha senhora. Ha uma que é sempre habitada por duas pessoas...

= Qual?

= A lua de mel.

Secção recreativa

Modo de fazer mugir uma cabeça de bezerro depois de cosida e posta na mêsa.

Pegue-se numa rã viva e colloque-se no interior da cabeça de um bezerro, debaixo da lingua, quanto mais para o fundo melhor, mas isto só no momento de trazêr o prato para a meza. O calor obrigará a coxar a rã, cujo som abafado dentro da cabeça imitará perfeitamente o mugir do bezerro.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente:—*Palmira J. S.* (Julho de 1908).

V. Ex.^a é inconstante, caprichosa e muda d'opinião como uma ventoinha muda de direcção ao mais leve bafêjo da aragem.

A tensão nervosa do seu espirito conserva-a em constante estado de irritabilidade.

D'ahi á neurastenia é um passo e curto.

Modere os impetos, corte o seu chocolate com muito leite. No banquête da vida despreze as saladas e os condimentos; repare que: canja e galinha são comidas muito apreciáveis. A galinha psicologica tem sabôr especial e o arroz de substancia moral é soberano em nêrvos repuchados.

Será querida da familia e é quasi certo casar-se duas vêzes.

E' corajosa, mas dada á boa paz e gostando de ouvir o dôce e engana-

Pelintrices!...

A esta terra d'amores,
Tagarellas e de manha,
Vieram, lá da Allemanha,
Mais de trezentos doutores.
Ai! mas quando esses senhores
Se lembraram de pedir
O que era de esperar:
—Ir a Escola visitar!... —
Respondem-lhes a sorrir:
«Foi a mobilia a... polir!»

CHICO.

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**

**O GRANDE CONCURSO
DA 4.ª SERIE**

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.º—Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.
- 2.º—Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Charadas

Parte do nome primeiro
E' planta lá do oriente, — 1
E abrindo-a com certo liquido
Fica bebida excellente.

A outra parte é bem facil,
Meus senhores, de descobrir;
Conjugae, tende a bondade,
Um tempo do verbo vir-2.

Com respeito ao outro nome,
Um conselho aqui vos fica:
Ha nos campos... e cuidado,
Não lhe toquem porque... pica-2.

E agora p'ra terminar
Vou-vos dizer... em surdina:
Para melhor decifrar,
Accendei a lamparina.

MAC-ILLERNO

Dupla

A planta está na cidade-2.

AZULE ISYA

Em phrase

O rei do socego é inutil-2-1.

A. MORAES DE CARVALHO

Syncopada

2-O jesuita tem má fé-2.

OJUARA

Triplice

Cidade hespanhola, cidade mexicana, e cidade da Venezuela-3.

ODIN

Transposta

Ave-2.

SAGEDAS

Bisada

E' generoso-3
—do—
O padre-2.

JOÃO DA CIDADE

Novissima

Sou parente de uma mulher muito distincta-2-2.

JOÃO DA CIDADE

Logogripho por syllabas

- 1.ª + 2.ª = Branco
 - 2.ª + 4.ª = Desejar
 - 4.ª + 3.ª = Vaso
 - 1.ª + 4.ª = Ara
- Assustar

SAGEDES

Enygmas

Por iniciaes

N D S B B N D E B D
1 1 2 1 3 1 1 3 1 2

RAMITO

C U D O Q T
2 1 1 1 1 1

BAPDIN JUNIOR

De palitos



Tirando 16 palitos fica um reino.

MAC ILLERNO

Typographicos

A 100 O 1000 A egreja PH

BAPDIN JUNIOR

(u) (u) (fu) (fu)
TRA TRA ROK ROK

D. ALICE PAES

R. Xavier da Silva
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos
 CLINICA GERAL
 Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

ANACLETO DE OLIVEIRA ++++
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

Aluga-se

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Golchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrín, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer cõr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

Propriedade de Azulejos

Continuação

Dr. Carlos Santos

ENTRAINANTE

Piano

The musical score is written for piano and consists of ten systems of two staves each. The key signature is two flats (B-flat and E-flat) and the time signature is 3/4. The piece begins with a 'Piano' dynamic marking. The notation includes various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. There are several 'ff' (fortissimo) markings throughout the piece. The score concludes with a double bar line and a 'DUMAS' signature in the bottom right corner.